

RESUMO: No ano de 2017, o grupo Quem Conta um Conto vem desenvolvendo um trabalho de contação de histórias focado nos mitos, nas perspectivas e nas narrativas indígenas sobre os mais variados temas, principalmente sobre a visão de tais povos a respeito da chegada dos colonizadores europeus. Em encontros dedicados à pesquisa de materiais escritos e audiovisuais sobre esse tema, as participantes do grupo construíram uma apresentação que visa disseminar essas vozes através da narração, a fim de interferir sobre as opiniões ainda eurocêntricas e colonizadas vigentes tanto no senso comum quanto em boa parte do discurso autorizado das mídias e dos materiais disponibilizados para o público em geral. Com isso pensamos inverter o sentido das práticas de leitura e representação desses coletivos, deslocando da histórica lógica de fala sobre “o outro” para a de escuta e de reflexão acerca do seu discurso autoral manifesto em variadas linguagens e arquivos. Em concordância mútua, acreditamos que um projeto como esse precisaria circular por entre espaços de formação (escolas, eventos culturais), principalmente aqueles que fossem de cunho popular. Por esse motivo, a primeira apresentação ocorreu no curso Pré-Vestibular Popular Dandara dos Palmares, cujo nome faz homenagem a figura histórica silenciada nos registros oficiais. Através de diversas tentativas e ensaios de corpo, de voz e de texto, amadurecemos na composição da performance o nosso diálogo enquanto mediadoras da ancestralidade e da cosmovisão ameríndia. Diante de um público do cursinho, vimos essa criação como uma oportunidade de questionar e de refletir acerca dos estereótipos sobre a realidade indígena e sobre a continuidade dos processos de extermínio no Brasil desde a colonização até a contemporaneidade. Com a preocupação de trazeremos signos e de criarmos um ritual semelhante ao que aconteceria num espaço de transmissão de histórias próprio desses povos, buscamos desenvolver aquilo que a teoria nos ajudou a abarcar sobre o ritual da narrativa oral, pensando nele como um evento que conta com um pacto entre ouvinte e locutor para criar a suspensão momentânea da realidade e levar ao contexto do mito, de uma outra verdade. Utilizamos, pois, do fogo, comum elemento de conexão entre os indígenas e o cosmos, da flauta e de elementos como penas, folhas e até mesmo galhos, que serviram como árvores, bengalas ou armas. Trazendo essas narrativas à luz da problemática social enfrentada por esses povos na luta pela sobrevivência e pela terra, as personagens eram tiradas de cena numa espécie de morte, deflagrada, ao final, pelo luto do apagamento das luzes do recinto. O resultado filmado dessa criação e a ressonância dela nos alunos espectadores e nas professoras Bruna Almeida e Letícia Mendes Perez Reche serão anexados em vídeo e utilizados na apresentação desse trabalho.